

CORDEL
ENCAS TELADO

#35
MMXXI

ODE AOS LENDÁRIOS

Alice Fernandes de Morais
Sandreilson Moreira da Fonseca
Cárlisson Galdino
Francinilto Almeida
Ronaldo Oliveira
Girleide A. de Lima

TÍTULO	Cordel Encastelado #35 Ode aos Lendários
TIPO DE CORDEL	Coletânea
TEMA	Biografias, cordelistas, mestres
EDIÇÃO ATUAL	1ª (2021)
1ª PUBLICAÇÃO	2021
AUTORIA	Alice Fernandes de Moraes Sandreilson Moreira da Fonseca Cárlisson Galdino Francinilto Almeida Ronaldo Oliveira Girleide A. de Lima
ESTRUTURA	32 sextilhas (6) 10 setilhas (7) 19 setilhas (7) 4 décimas (10) 9 décimas (10) e 3 sextilhas (6) 6 setilhas (7)
ESTRUTURA DE RIMAS	xAxAxA xAxABBA ABBAACCDDC
MÉTRICA	Redondilhas maiores (7) Variável (?)

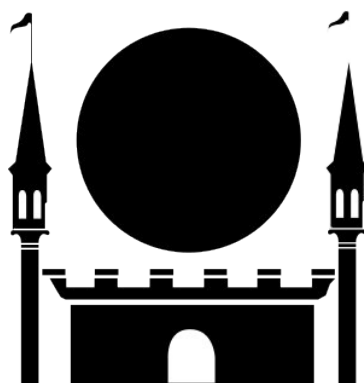
Este cordel é uma publicação de cordelistas agrupados sob o projeto Cordel Encastelado, criado durante a quarentena que foi formada em resposta ao novo Corona Vírus (COVID-19). Esperamos que você goste deste trabalho.



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
AtribuiçãoNãoComercial-Compartilhaigual 4.0 Internacional.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

12 de novembro de 2021



Aos Mestres

Nossa bela arte já tem mais de 100 anos! Aproveitamos esta edição do Cordel Encastelado para homenagear as lendas da Literatura de Cordel. Cordelistas clássicos, que merecem ser sempre lembrados pelos novos.

Há muito mais nomes que mereciam estar aqui e quem sabe estejam no futuro. Por ora, como se diz em solenidades, saudamos os grandes mestres nas pessoas dos cinco então homenageados.

Boa leitura!

Cárlisson Galdino



Eu e Patativa do Assaré

Alice Fernandes de Moraes

Contagem - MG

Alice nasceu na cidade de Campos Sales (CE). Cordelista, já escreveu mais de 40 cordéis, e 4 livros, sendo um infantil. Hoje mora em Contagem, Minas Gerais.

Tem um trabalho patrocinado pelo Fundo Municipal de Incentivo à Cultura de Contagem e outro pelo Ministério da Cultura.

Admiradora da poesia Nordestina desde criança. Viu no poeta Patativa do Assaré, sua maior inspiração.

São muitos os grandes nomes
Da nossa literatura,
Se eu penso em um cordelista
Surge outra criatura,
Pois falando em poesia
O meu Nordeste tem fartura.

Nós somos mesmo o berço
Do cordel que nos conduz,
Leandro Gomes de Barros
José Camelo, aqui reluz,
João Martins de Athayde
Cego Aderaldo e Zé da luz.

Mas vou falar em especial
De um homem de muita fé,
Sei que alguém esta perguntando
E esse homem quem é?
Era o meu grande amigo
Patativa do Assaré.

Nascido no Ceará
Lá na Serra de Santana,
Conheci pessoalmente
Pense em um cara bacana,
Fazia tanta poesia
Nem sei quantas por semana.

Nasceu de família humilde
Vivia da agricultura,
Mas em matéria de rima
Sua vida era uma fartura,
Hoje é um dos grandes nomes
Da nossa literatura.

Perdeu seu pai muito cedo
Com oito anos de idade,
E foi trabalhar na roça
Naquela localidade,
Pois a Serra de Santana
É distante da cidade.

Quando ingressou na escola
Ele tinha doze anos,
Mas, já fazia poesia
Nisso eu não me engano,
A mãe lhe deu uma viola
E a rima virou um oceano.

Quatro meses na escola
Foi tudo que ele ficou,
Mesmo assim aprendeu muito
Do homem que se tornou,
Mas foi pela poesia
Que ele se apaixonou.

Logo foi fazer repente
Se apresentando em sarau,
E assim a rima tomou conta
De uma forma sem igual,
Hoje ele é o grande nome
Da sua terra natal.

Carrega o nome "patativa"
De uma ave nordestina,
Por seu canto mavioso
Que alegra a campina,
Pois quando nasce poeta
Ninguém muda a sua sina.

Cresci ouvindo a mamãe
Cantando a "triste partida"
E eu chorava ali também
Pela família entristecida,
Que na voz de Luiz Gonzaga
Tudo ficou mais doida.

Sua grande satisfação
Era ser reconhecido,
Cumpridor de sua missão
Pelo o povo defendido,
E um defensor do povo
Do mais pobre e mais sofrido.

Defendia o caboclo
Que vivia no sertão,
Sendo ali um sofredor
Sem ter voz e nem razão,
Era um refém do descaso
E uma vítima da opressão.

Mesmo assim não se abateu
Até fortaleceu mais,
Tornou-se um grande crítico
Dos problemas sociais,
Pois eram tantas as investidas
Mas não matou seus ideais.

Patativa era um poeta
Dotado de habilidades,
Era sem dúvida nenhuma
Um poço de criatividade,
Dava vida aos seus versos
Com a maior facilidade.

Certo dia eu tive a sorte
De me encontrar com ele,
Pois até então só ouvia
O povo falando dele,
Nesse momento eu vi
A luz que brilhava nele.

Nós sentamos lá na praça
E falamos de poesia,
Pois eu guardo até hoje
Os conselhos que eu ouvia,
Que nunca se sabe tudo
Aprende-se é todo dia.

Recebi de suas mãos
Dois cordéis autografados,
Que eu guardo com carinho
A sete chaves trancados,
Junto com todas as lembranças
Desse amigo do passado.

Escreveu diversas obras
Que leio desde menina,
Como: “Cantos do Patativa”
E “Inspiração Nordestina”,
“Cante lá que eu canto cá”
Na poesia era uma mina.

Com carinho, li o “balceiro”
Também o “Ispinho e fulô”
Que guardo na minha estante
Com tanto carinho e amor,
Sempre me vejo folheando
As obras desse trovador.

Os seus cordéis foram tantos
Juntos com outros poetas,
Ele sempre dava espaço
E direcionava a seta,
Era um poeta do público
Não tinha arte secreta.

Um dos seus grandes sucessos
“Vaca estrela e boi fubá”
Com saudade da sua terra
Fez também: “Vou vortá”
E “O poeta da roça”
Muitas vezes me fez chorar.

O “Apelo dum agricultor”
E “Coisas do Rio de Janeiro”,
“Meu protesto” eu lhe digo:
Na crítica foi pioneiro,
Pois por ser homem da roça
Sempre defendeu o roceiro.

Foi fiel aos seus princípios
Durante toda a sua vida,
Um poeta analfabeto
Mas nunca errou a partida,
Quando o sucesso chegou
Manteve a cabeça erguida.

Hoje é reconhecido
Em outras partes do mundo,
Pois o seu dom na poesia
Eu lhe digo: foi profundo,
Ele ditava seus versos
Durante poucos segundos.

Patativa foi um mito
Não existe outro igual,
E em homenagem a ele
Existe um memorial,
Na cidade de Assaré
A sua terra natal.

Suas obras são estudadas
Por muitos pesquisadores,
Dentro das universidades
Também pelos professores,
É objeto de estudos
De mestres e de doutores.

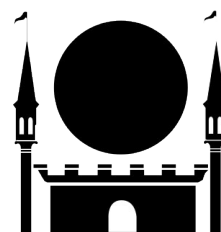
Nasceu em 05 de março
De mil novecentos e nove,
“O porta-voz do sertão”
Que na rima nos comove,
Em julho de dois mil e dois
Para o céu Deus o remove.

Viveu noventa e três anos
Mergulhado na poesia,
Fazia versos a noite
Madrugada e também dia,
Não deixava um momento
A sua cabeça vazia.

Quem conheceu Patativa
Sabe do que estou falando,
Hoje vejo muita gente
Os seus versos recitando,
E muito mais feliz eu fico
Vendo as escolas estudando.

Nosso cordel é patrimônio
E eu ainda quero ver,
Da juventude do Brasil
Muitos cordelistas nascer,
Para perpetuar o cordel
Quando os mais velhos morrer.

Vamos deixar registrado
Os grandes nomes do cordel,
Pois quem ama a poesia
Torna-se um menestrel,
Ninguém gosta do amargo
Depois que conhece o mel.





José Camelo Rezende, o Maior Cordelista

Sandreilson Moreira da Fonseca

Tabuleiro do Norte — CE

No ano mil e oitocentos
E oitenta e cinco, nascia
Na cidade Pilõezinhos
Vinte de abril foi o dia
Paraíba o concebeu
E o mundo então conheceu
O melhor da poesia.

Claro que eu falo do grande
José Camelo Rezende
Os seus romances tão belos
Chama poética acende
Com suas rimas fiéis
Nos primorosos cordéis
Todo amor sempre defende.

Esse grande cordelista
Do meu sertão brasileiro
Muito tempo trabalhou
No ofício de carpinteiro
Depois escreveu poemas
Nos mais variados temas
Encantando o mundo inteiro.

Jovem, frequentou colégio
Com grandes aspirações
E desde moço mostrava
Tão belas inclinações
Mas teve que se empalhar
Obrigou-se a trabalhar
Pois não tinha condições.

Enquanto ele trabalhava
Duro na marcenaria
Sua válvula de escape
Era escrever poesia
No meio do seu labor
Criar poemas de amor
É o que lhe dava alegria.

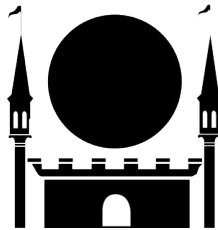
Só na década de vinte
Começou a publicar
Os seus primeiros folhetos
Um poeta popular
Com a métrica perfeita
Na sua rima bem feita
Completo no versejar.

Escreveu lindos romances
Como Pedrinho e Julinha
Coco Verde e Melancia
Ou, Joãozinho e Mariquinha
De todos, o mais famoso
Foi Pavão Mysteriozo
Dos folhetos que ele tinha.

O Pavão Mysteriozo
Foi fonte de inspiração
Para peças de teatro
Novela em televisão
O cordel do nosso bardo
Na voz do grande Ednardo
Se transformou em canção.

Com setenta e nove anos
Triste, muito incomodado
Pois alguns dos seus escritos
Por outro fora tomado
Veio logo a decisão:
Destruir a produção
Já que estava amargurado.

No dia vinte de outubro
Rio Tinto entristeceu
No ano sessenta e quatro
José Camelo morreu
Seu nome consta na lista
Como o maior cordelista
Que o mundo já conheceu.





O Patrono Manuel d'Almeida Filho

Cárlisson Galdino

Arapiraca - AL

Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006 e da Academia Alagoana de Literatura de Cordel (AALC) desde 2020. Sócio Fundador da União Brasileira de Escritores (UBE) – Núcleo Arapiraca. Iniciou na Literatura com o livro de poesias Chuva Estelar, em 1999. Escreve cordéis desde 2005, com mais de 100 títulos, incluindo inovações no gênero, como o cordel interativo. Também tem contos e seis novelas de aventura: Jasmim, Escarlata (trilogia), Warning Zone e Sina, além da O Último Mototáxi de Arapiraca, que está sendo publicada semanalmente. Autor de sistemas e ambientações para RPG, publicados no XR Zine. <http://blog.cordeis.com/>

Pelo ano de 14
Lá no século passado
Nasceu um certo sujeito
Seus pais eram do roçado
Por ali ninguém diria
Que ele depois viraria
Cordelista renomado

Falarei de um cordelista
Que venceu cada empecilho
Se firmando no cenário
Como um poeta de brilho
De história e de talento
Agora eu lhes apresento
Manuel d'Almeida Filho

Nasceu n'Alagoa Grande
Uma pequena cidade
No estado da Paraíba
Com oito anos de idade
Uma experiência bacana
Conheceu a vida urbana
Pra ver a diversidade

Vendo cordéis por ali
Desejou muito aprender
A ler pra ler as histórias
E dominou o ABC
Pra ele pegar no papel
Para poder ler cordel
Lhe dava muito prazer

No ano de 36
Trabalhava de operário
Era a forma de sustento
O que lhe dava o salário
Mas o gosto por leitura
Lhe dava rica cultura
E um grande imaginário

Naquele tempo ocorreu
No interior um mistério
Manuel quis escrever
Sobre aquele assunto sério
Era um assunto perfeito
Que merecia um folheto
De acordo com seu critério

Escreveu e publicou
Um cordel praquela moça
"Moça que nasceu pintada"
Tem mais no título, ouça
"Unhas de ponta" a coitada
"E sobrancelha raspada"
Ele estreou já com força

Vendo que tinha futuro
Resolveu seguir em frente
E começou a atuar
Como artista independente
Daquele tempo em diante
Foi mercador ambulante
Da sua arte potente

Estava sempre presente
Nas feiras do seu estado
E também em Pernambuco
Que ficava logo ao lado
Ativo a todo momento
Pro seu cordel de talento
Ser mais e mais respeitado

De João Martins do Athayde
Foi grande admirador
Na criação vou citar
Alguns cordéis que criou
São famosas criações
"Vicente, o Rei dos Ladrões"
Foi um de grande valor

Falou da "Marca do Zorro"
Botou o "Zé do Caixão"
Pra pelejar com o "Diabo"
Jesus e São Pedro vão
Debater pela invernada
Falou também da "Afilhada
Da Virgem da Conceição"

Deu dicas pro Casamento
Falou da Vida, Vingança
E da Morte do Corisco
Seu cordel distante alcança
Registrou em sua escrita
Bandido da Carne Frita
São a mais forte lembrança

Também foi bem conhecido
Além da linha autoral
Pelo seu grande trabalho
Do tipo editorial
Foi da Prelúdio primeiro
Depois ficou na Luzeiro
Um curador sem igual

No ano de 95
Como a um grande convém
Entrou pra a ABLC
Lamento pois não sei bem
De que cadeira foi dono
Mas hoje ele é um patrono
De uma cadeira também

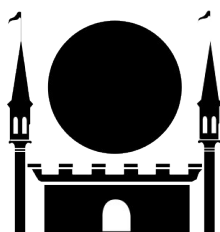
Sua cadeira é a 20
E te falo sem engano
Ocupada por João Dantas
Um outro paraibano
E a luta pela Cultura
Segue mudando a figura
Firme, entra ano e sai ano

Hoje na Alagoana
Que defende a mesma arte
Pela cadeira em seu nome
É que eu também faço parte
É a cadeira primeira
Pois é bem dessa maneira
Que defendo o baluarte

Foi lá em Aracaju
Que sentiu necessidade
De partir para outra terra
Onde não reina a maldade
95, acabou
Que Manuel nos deixou
Com seus oitenta de idade

A inda é preciso falar
Ligeiro antes que eu me esqueça
Manuel fez mais façanha
Entre a turma que o conheça
Integra os poetas-mores
De ter tecido os melhores
Acrósticos que se teça

Galguei nesse meu escrito
Ainda que meio com sono
Levando versos ao nome
Desse que não desabono
Irão reforçando a fama
Neste cordel que aclama
O meu ilustre patrono





Nosso mestre Zé Pacheco já se tornou imortal

Francinilto Almeida

Tabuleiro do Norte - CE

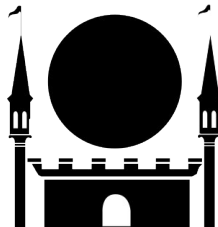
Nasceu em Tabuleiro do Norte, Ceará, a 17 de novembro de 1962. Formado em Letras, com pós-graduação em Planejamento Escolar, é professor concursado em Escola Pública Estadual. Publicou os seguintes livros: - A Fúria do Segredo (romance), 1990; - Geografia do Amor em Transe (poesia), 2000; - A Longa Travessia (romance), 2004, além de outros títulos inéditos. Ultimamente tem-se dedicado bastante à produção de Literatura de Cordel, com mais de cem títulos, nesta área.

José Pacheco da Rocha
Cordelista de primeira
Nesse campo fez carreira
Feito flor que desabrocha
Levantou-se feito tocha
Que jamais se apagará
O seu nome ficará
Para sempre na memória
Faz parte da nossa história
Forte permanecerá.

Pernambuco, seu Estado
Correntes foi seu lugar
Logo cedo fez brotar
Seu gracejo renomado
Cada vez mais arrojado
Alegrando toda a gente
Muito verso irreverente
Com refinado esplendor
Foi um mestre do humor
Deixando o povo contente.

Mestre da primeira hora
Começando o Séc'lo Vinte
Cordel com muito requinte
Que a Cultura revigora
O Nordeste comemora
Mostrou Lampião no inferno
E também o ódio eterno
Entre cachorros e gatos
Entre muitos outros fatos
Do comportamento interno.

Trouxe São Pedro, Jesus
Gigantes, também princesas
Horrores, muitas surpresas
O sofrimento na cruz
Poesia que seduz
Os humildes corações
Um mestre das emoções
Que sempre será lembrado
Zé Pacheco, muito amado
Por diversas gerações.





Leandro Gomes de Barros

Ronaldo Oliveira

Arapiraca - AL

Ronaldo Oliveira, administrador de empresas, radialista e poeta popular. Tem dois livros publicados: Retratando Minha Terra e O Caipira e Onze e Meia. O última uma alusão a sua participação no Programa do Jô Soares em 1995. Seus poemas de literatura de cordel questionam problemas enraizados em nossa sociedade como ecologia, saúde, educação e política.

Leandro Gomes de Barros
O cordel inaugurou
Ao mundo apresentou
E feito flores nos jarros
Como corrida de carros
Todo o Brasil conheceu
Assim estabeleceu
A nova literatura
Revolucionou a cultura
Grande fama lhe rendeu

Entre os romances que fez
Tem **Juvenal e o dragão**
Provoca grande emoção
Faz chorar mais duma vez
E eu leio todo mês
A vida de Pedro Cem
Rima perfeita ele tem
E é gostoso de ler
A história faz tremer
Os anjos dizem amém

O soldado jogador

A história de João da Cruz

E assim ele conduz

Como no príncipe e a fada

Não tinha medo de nada

Enfrentou até barão

Foi preso sem compaixão

Pois com cordel fez protesto

E este seu manifesto

O levou para a Prisão

Leandro grande poeta

Ao mundo apresentou

Com os versos que rimou

A princesa da Pedra Fina

A estória desta menina

E um príncipe corajoso

Com o boi misterioso

E a princesa Teodora

Ele não teve demora

E foi sempre caprichoso

A história de Cancão

De Oliveiros e Ferrabrás

Muita aventura trás

A rima é pura emoção

É de partir coração

O Valor Duma Mulher

Como a história requer

Faz sorrir e faz chorar

Assim o cordel se dá

Mal-me-quer e bem-me-quer

Uma viagem ao céu

Grande Leandro narrou

Com cuidado apresentou

Com seus versos de cordel

E como bom menestrel

Viu os anjos do além

De longe veio o amém

Foi linda esta narração

Nos enche de emoção

Como lá no céu convém

Do solo Paraibano
Da cidade de Pombal
Um homem sensacional
E na escrita decano
No Cordel não me engano
Ele escreveu muito mais
Enfrentou a Satanás
Foi grande a sua peleja
Quero que no Céu esteja
Saciado de manás

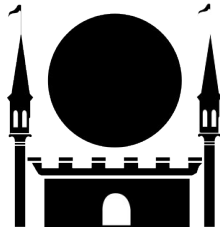
No Auto da Compadecida
A Ariano inspirou
Que seu escrito narrou
E de forma merecida
Assim foi favorecida
Se tornando um sucesso
Não existe retrocesso
Peça e filme que faz rir
E pareceu colorir
Um Nordeste sem recesso

E para finalizar
A pequena narração
Como forma de oração
Eu quero apresentar
A todo povo mostrar
Três estrofes do escritor
Que ao mundo encantou
O cordel e sua beleza
Falo com toda certeza
Quem o conhece gostou

“Se eu conversasse com Deus
Iria lhe perguntar
Por que é que sofremos tanto
Quando se chega pra cá
Que dívida é essa que o homem
Tem que morrer pra pagar

Perguntaria também
Do que é que ele é feito
Que não dorme, que não come
E assim vive satisfeito
Por que é que ele não fez
A gente do mesmo jeito

Por que existem uns felizes
E outros que sofrem tanto
Nascemos do mesmo jeito
Vivemos no mesmo canto
**Quem foi temperar o choro
E acabou salgando o pranto”**





Homenagem a Manoel Monteiro

Girleide A. de Lima

Arapiraca - AL

No ano de 1937
Muita coisa aconteceu
Decretou-se o Estado Novo
Manoel Monteiro nasceu
Um exímio cordelista
No cordel foi um artista
Mas em 2014 faleceu

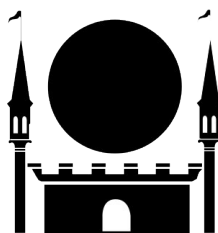
Membro da Academia Brasileira
De Literatura de Cordel
No seu encontro com São Pedro
Deve ter tido festa no céu
Já que ele aqui na terra
Não compactou com guerra
E exerceu grande papel

Difusor da literatura na escola
Manoel Monteiro foi menestrel
Prendia o leitor aos seus versos
No cordel foi bacharel
Nada que fez foi disperso
Por esse motivo confesso
Para Monteiro tiro o chapéu

Manoel Monteiro era detalhista
Na escrita cauteloso
Dos recursos naturais
Ele era muito zeloso
Não defendeu capataz
Sua forma de escrever me apraz
Poeta maravilhoso

Esse poeta representou
O chamado Cordel Novo
E olhando para o povo
E as preocupações sociais
Diversificou os temas
Que são ainda dilemas
Temas polêmicos demais

A morte de Manoel Monteiro
Deixou o cordel Luto
Mas dele herdamos o vulto
E como agente cultural
Ele nos deixa um legado
Que ficará sempre guardado
No imaginário social



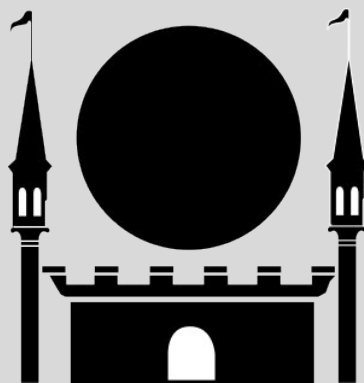


Publicações

1. Tempos de Quarentena
2. No Reino dos Brinquedos
3. Isso eu gosto e recomendo
Para o seu cinema em casa
4. Quem lê toma consciência
De um mundo libertador
5. São João, festa do povo
É cultura popular
6. Namoro à Distância
7. Qualquer tema pode ter
A marca do trovador
8. O Nosso Cordel da Paz
9. A verdadeira amizade
Nem a distância separa
10. Amor de avós é riqueza
Que se traz no coração
11. Paulo e a Esfinge

12. No cordel que escrevemos
Machismo nunca tem rima
13. Viagens que Marcam
14. Sobre os palcos dessa vida
Quero ser protagonista
15. Setembro Amarelo
16. A chama que queima as matas
Atinge o meu coração
17. Outubro Rosa
18. O Valor do Professor
19. Gonzagão Amostrado
20. Racismo é maldita herança
De um Brasil escravocrata
21. Mulher não é objeto
Pra ser posse de ninguém
22. Laura e os Antepassados
23. Ode ao Palhaço
24. Saudade é como retrato
Tirado com o coração
25. Precisamos de Vacina
26. Dia Mundial da Poesia
27. Tá tudo tão diferente
Nem rádio AM tem mais
28. Ode à Ciência
29. Viva as Mães!
30. O tal Disco Voador
Tem causado muito espanto
31. O Homem chegou na Lua

32. O nosso índio merece
Mais respeito e proteção
33. Cordéis Malucos Beleza
34. Brasil de Norte a Sul
35. Ode aos Lendários



Cordel Encastelado é uma iniciativa de cordelistas de vários lugares do país para escreverem cordel coletivamente durante o período de quarentena, devido à pandemia de COVID-19.

Você pode conhecer mais sobre o projeto e seus participantes, bem como baixar todas as edições já publicadas em

<http://wiki.cordeis.com/encastelado/start>

E no canal de Telegram eCordel: <https://t.me/ecordel>

O padrão de cores utilizado foi pego em

<https://botsin.space/@accessibleColors>

Se você é cordelista e quer participar do projeto, mande e-mail para cordeis@vivaldi.net